



## Editorial

O presente número da *Aurora* apresenta o *dossiê* Kant, organizado por Zeliko Loparic, além de artigos da seção *Fluxo Contínuo*, de tradução e de resenha, acadêmicas.

A relevância dos estudos kantianos nos meios acadêmicos nacionais é diretamente proporcional à especialização das pesquisas, cada vez mais refinadas, e às traduções qualificadas da obra do Filósofo Alemão. Além de simpósios anuais com especialistas e de edições sistemáticas de revistas de alto nível, a fornecerem seiva nova aos estudos regulares da filosofia kantiana, sobremaneira, para o campo da moral, a área de teoria do conhecimento, e, no limite, a de política, dentre outros. Vistos à distância, os cadernos com anotações acerca da filosofia de Kant, feitas pelo padre Diogo Antônio Feijó (1784-1843), para fins de preparação de aulas<sup>1</sup>, ministradas na cidade de Itú no interior do Estado de São Paulo, a meados do século XIX, não pareciam antecipar a densidade dos estudos kantianos, observada, de modo promissor, na fermentação atual de tal filosofia entre os pares da universidade.

---

<sup>1</sup> A propósito, conferir FEIJÓ, D. A., *Cadernos de Filosofia*, São Paulo, Grijalbo, 1967, volume organizado por Miguel Reale. A título de conhecimento de um aspecto do pensamento de Feijó, ver COELHO, H. S., "A Filosofia Moral de Diogo Feijó", *Revista Estudos de Filosofia*, n. 7, 2011, p. 132-138, [http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistaestudosfilosoficos/art12\\_rev7.pdf](http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistaestudosfilosoficos/art12_rev7.pdf), acessado dia 13 de agosto de 2016. Para compreensão ampliada da recepção e dos estudos nacionais da filosofia kantiana, *apud* PEREZ, D. O. (Org.), *Kant no Brasil*, São Paulo, Escuta, 2005. Acerca do cenário histórico de florescimento do pensamento de Feijó, consultar HOLANDA, Sérgio Buarque de, *História Geral da Civilização Brasileira: do Império à República*, tomo II, v. I, 3ª edição, Difel, 1983, pp. 16,18, 20, 22-24, 31-35, 37-56, 118. Para a biografia circunstanciada do padre e político brasileiro, conferir SOUZA, O. T., *Diogo Antônio Feijó*, Belo Horizonte, Itatiaia, 1942 e CALDEIRA, J., *Diogo Antônio Feijó*, São Paulo, Editora 34, 1999 (Coleção Formadores do Brasil).

O dossiê inicia-se com o artigo “Justiça e beneficência: *notas sobre uma possível aproximação entre Immanuel Kant e Adam Smith*”, de Andrea Faggion. O Autor interroga acerca da possibilidade de existirem pontos de contatos entre obras de Kant e de Adam Smith. Como “mera possibilidade” assentada ao apontar “o apreço de Kant pela investigação de Smith em escritos não publicados do primeiro”. Desta observação de possibilidade, o artigo movimenta-se, primeiramente, a explorar “um paralelo entre o modo como Smith compara a virtude da justiça à virtude da beneficência na obra *A Teoria dos Sentimentos Morais* e o modo como Kant distingue os deveres jurídicos dos deveres éticos ou da virtude”. Assim, a hipótese, afirma o Autor, “que temos em vista é que Smith poderia ter apresentado a Kant o conhecimento moral comum, que haveria de ser formulado em princípios metafísicos por Kant”.

O dossiê prossegue com o artigo “Kant e o problema da razão instrumental”, de Luis Placencia, que propõe mostrar como Kant “enfrenta o problema da normatividade da razão instrumental”. Assegura o Autor, que “Kant enfrenta o problema da *Nötigung* ou *necessitação*, que expressaria as regras de habilidade” em passagem da “Segunda Secção”, da *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Em tal passagem, Kant “sustenta que *Nötigung* se explica pelo caráter ‘analítico’ das regras de habilidade. Porém, segundo Placencia, há uma polêmica estabelecida, pois tal posição “tem sido criticada por muitos autores, que tentaram mostrar que mesmo assumida a problemática distinção entre juízos analíticos e sintéticos, as regras de habilidade não podem ser consideradas como analíticas em qualquer sentido relevante, mesmo no quadro da compreensão que a filosofia de Kant tem do caráter analíticos dos juízos”. O Autor pauta-se pela posição de B. Ludwig, que intenta mostrar que na “filosofia de Kant, a rigor, não existem imperativos analíticos, nem sequer hipotéticos”. Assim, a polêmica estabelecida entre as posições de Ludwig e a de Patzig, Placencia realiza a “análise das teses de Kant [...] tentando mostrar, como ele, por meio das teses da analiticidade responde à pergunta pela normatividade dos imperativos hipotéticos”.

Em seguida, Diego Kosbiau Trevisan assina o artigo “Os pensamentos sobre a verdadeira estimação das forças vivas e o surgimento de motivos críticos no pensamento de Kant”. Sob a duplicidade de objetivos, o artigo, em primeiro lugar, problematiza a *Entstehungsgeschichte* ou história da formação da filosofia crítica, desde um artifício “interpretativo bem definido, a saber, a identificação de certos *motivos críticos*, como gatilhos da “determinação de continuidades e rupturas no desenrolar do pensamento de Kant”. Em segundo, o artigo analisa o primeiro escrito de Kant, intitulado *Pensamentos sobre a verdadeira estimação das forças vivas*, intentando aplicar o artifício interpretativo discutido da parte, de modo a reconhecer “importantes linhas de continuidade na filosofia de Kant”.

O próximo artigo do dossiê, “Ontology, metaphysics and a criticism as Transcental Semantics as of Kant”, de autoria de Daniel Omar Perez, objetiva “apresentar o núcleo da crítica kantiana à metafísica e à ontologia tradicionais como uma semântica transcendental, que permite reformular o problema acerca dos objetos e de sua realidade.” Para tal, divide o artigo em duas partes: primeira, apresenta uma “breve justificação da interpretação semântica de Kant”; segunda, traz um “programa de trabalho a partir de uma semântica entendida como parte fundamental de um modo de resolução de problemas filosóficos.” Vez que a “posição crítica contra a metafísica e a ontologia tradicionais leva à questão: como são possíveis os juízos sintéticos *a priori*?” Passo seguinte, o Autor analisa as questões: “da metafísica em seus vários sentidos à ontologia dos objetos sensíveis; a crítica da razão pura contra a metafísica dogmática; a crítica como semântica; o projeto semântico e os tipos de juízos; a natureza humana e a teoria de juízo; o programa de trabalho dentro da própria obra de Kant e os resultados do projeto de Kant”.

Em “Kant e a filosofia da diferença”, Guilherme Almeida Ribeiro mostra os conceitos kantianos privilegiados por Deleuze, que encontram-se, “implicitamente, reunidos em torno do desdobramento de duas apropriações: em primeiro lugar, recuperação sistemática da doutrina das faculdades, como colaboradora de uma concepção de diferença, não apenas empírica e externa, mas, sobretudo, transcendental e interna;

em segundo lugar, a relação entre tempo e pensamento [...], a dessubordinação do tempo em relação ao movimento operada pela filosofia kantiana”.

O artigo “Sobre os fins morais da razão”, de Ricardo Machado Santos, discute a necessidade dos fins morais sob o espectro da filosofia kantiana. Assim, há o interesse de explicitar as modificações no panorama da ética kantiana nos “textos da década de 1780 aos textos tardios da segunda metade de 1790”. Ao mostrar tais modificações, evidencia-se a tendência para uma “sensificação da ética kantiana”, tornada possível “à medida em que Kant substitui conceitos de origem cristã (Deus, santidade, sumo bem), notadamente, comprometidos com o domínio da transcendência por conceitos de origem grega (virtude, ascese moral, autoconstrução moral)”. Entendidos os últimos como “mais ligados ou mais passíveis” vincularem-se à natureza humana.

Dois artigos tratam da obra *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, de Kant, no presente dossiê. O primeiro, de Marta Nunes Costa, intitula-se “Razão Prática e Meta-Ética: uma análise a partir da Fundamentação da Metafísica dos Costumes, de Kant”. Segundo a Autora, a obra constitui um projeto específico de Kant: “o de determinar o princípio supremo da moralidade”. Em verdade, Kant não pretende responder à pergunta “o que devo fazer?” e sim “oferecer a fundamentação necessária para uma ética normativa”. Assim, da obra em pauta, pode-se afirmar que contém a intenção de “responder a questões de segunda-ordem, geralmente do domínio da meta-ética”, vez que o Filósofo “busca identificar a fonte da legitimidade da própria moral”. Assim, o fulcro do artigo é a articulação de “argumentos éticos e meta-éticos presentes na *Fundamentação*”, de modo a mostrar que “representam preocupações ou pontos de vista distintos”, porém, pressupostos mutuamente.

O segundo artigo a tratar da *Fundamentação*, intitula-se “Dialética natural e analítica da moralidade de Immanuel Kant”, com a autoria de Reginaldo Oliveira Silva. Segundo o Autor, Kant “interpõe a *dialética natural*” entre “as seções iniciais da obra, para justificar “a transição da razão humana vulgar para a filosófica”. Tal movimento “define o sentido da analítica da moralidade, tanto na *Fundamentação* quanto na *Crítica da Razão Prática*”, o que sugere “um projeto de reconstrução,

cujo ponto de partida não constitui uma necessidade especulativa”. Assim, “nesses escritos sobre a ética”, para além da “busca do princípio *a priori* da lei moral”, Kant almeja “um retorno ao homem empírico”. Dadas tais considerações, o artigo problematiza a “relação entre dialética natural e analítica da moralidade [...], sob duas hipóteses”. Pois, a “dialética natural constitui o fio condutor entre a primeira e a segunda obra de Kant”, acerca da ética.

O dossiê prossegue com o artigo “A (in)capacidade explicativa do conceito do mal, em Kant”, de Maria de Lourdes Borges, que cuida de “analisar o conceito de mal” para o Alemão e de “sua utilização por comentadores contemporâneos”. Críticas, elogios e apologias do conceito kantiano do mal são requeridos para explicar sua capacidade de “explicar atrocidades contemporâneas, tais como genocídio e terrorismo”. Assim, duas interpretações digladiam: uma, pela força do conceito em explicar, outro, pela sua impotência.

Finalizando o dossiê, o ensaio “Kant, Scientific Pietism and Scientific Naturalism”, de Robert Hanna, traz epígrafes oportunas a compor Filosofia e Literatura em vista do tema a ser desenvolvido. O ensaio opera os nexos entre Filosofia e Ciência em movimento de derivação para análise da doutrina da *Piedade Natural Kantiana*, a afirmar que “animais racionais humanos são essencialmente pertencentes à natureza física”. O Autor explica que aplica “a doutrina da piedade natural kantiana diretamente às *ciências naturais*”, de modo específico à física. De modo a mostrar como “estão fundadas em uma sensibilidade [...] cognitiva, epistêmica, metafísica, prática / moral, estética / artística, religiosa e sociocultural / política”, com a ressalva; “tanto pura quanto empiricamente”. Para concluir que o denominado *Pietismo Científico Kantiano* “é direta e radicalmente oposto ao *naturalismo científico*”.

\*\*\*

A seção *Fluxo Contínuo* do presente número da *Aurora* contém três artigos. O primeiro, assinado por Diana Gasparian, “What is Anti-Enlightenment?”, fundamenta e explora a questão duplicada: a de lamentar o Esclarecimento falido, de um lado, e, de outro, a “a rebelião

contra o Esclarecimento”, não realizado a gerar a “ausência de esperanças e de expectativas”, aquelas que foram associadas a tal empreendimento filosófico. O mote inicial é dado pelo fato da filosofia pós-moderna concentrar, “principalmente, na experiência de re-pensamento dos ideais do Esclarecimento”. Pois, no âmago da filosofia pós-moderna encontra-se o desenvolvimento do Anti-Esclarecimento. Entendido o prefixo “anti” sob duplo sentido, como se verá.

O segundo artigo “A figura de Jesus nos escritos de Nietzsche”, de Antonio Edmilson Paschoal, analisa “algumas peculiaridades do papel desempenhado pela figura de Jesus nos escritos de Nietzsche”. Em especial, analisa “duas passagens em que o *tipo redentor*” aparece em traços opostos. A primeira passagem é retirada de *Para a Genealogia da Moral*, em que a figura de Jesus surge “como um instrumento de vingança da moral do ressentimento”. Na segunda, em *O Anticristo*, a figura de Jesus traduz “um modo de agir oposto ao ressentimento e à sede de vingança”. Assim, o artigo mostra que a figura de redentor “não remete a um conceito unívoco, válido para toda a obra do Filósofo”, porém, oferece “diferentes contornos conforme o contexto no qual está inserido”. Mostra também que “é possível uma convergência” de tais passagens em vista “do tema do ressentimento” e da “crítica nietzscheana ao cristianismo, “não aplicável, necessariamente, ao redentor”.

Fechando a seção, o artigo “J. L. Austin, o realismo de Oxford e a epistemologia: uma releitura de *Other Minds*”, de Sofia Miguens, propõe uma “releitura do artigo *Other Minds*, de J. L. Austin”, entendido como “exemplo clássico e central do realismo de Oxford”. Um dos objetivos da releitura é o de “colocar em relevo algumas características da abordagem das questões epistemológicas” no âmbito do chamado realismo de Oxford. Para tanto, contextualiza-se o “estatuto da investigação epistemológica”, sob o enquadre de uma filosofia da linguagem considerada comum. A análise do artigo em pauta dá-se em cinco passos. Ao final, explora-se as teses de McMyler acerca do pensamento de Austin relativas ao testemunho.

\*\*\*

---

A tradução inédita do texto de Phil Hutchinson, “Facing atrocity: shame and its absence”, realizada por Willian Martini, Tiago Azambuja e Janyne Sattler, e a resenha da obra de E. Faye, *Heidegger, a introdução do nazismo na filosofia: sobre os seminários de 1933-1935*, (*Heidegger, l’introduction du nazisme dans la philosophie: autour des séminaires inédits de 1933/1935*), de autoria de Peter Pál Pelbart, encerram o presente número da *Aurora*.

*À boa leitura!*

**Bortolo Vale**  
**Antonio José Romera Valverde**  
**Léo Peruzzo Júnior**  
Editores